

## ENTREVISTA

### **A HOMOSSEXUALIDADE NO BRASIL POR LUIZ MOTT: ONTEM, HOJE E AMANHÃ**

---

HOMOSEXUALIDAD EN BRASIL POR LUIZ MOTT: AYER, HOY Y  
MAÑANA

---

HOMOSEXUALITY IN BRAZIL BY LUIZ MOTT: YESTERDAY, TODAY  
AND TOMORROW

Pedro Demo  
Universidade de Brasília - UnB

Renan Antônio da Silva  
Centro Universitário do Sul de Minas – UNIS

O Estado deixa de efetivar, em muitos casos, um dos princípios basilares do Estado Democrático de Direito, o primórdio da dignidade da pessoa humana. A Constituição de 1988 está preocupada com o conceito de dignidade humana que extrapola os conceitos estereotipados da sociedade, sempre fazendo referências à liberdade que todo ser humano tem de escolha (trabalho, religião, relacionamentos), devendo essa escolha ser devidamente amparada e protegida juridicamente. Sendo detentores de tais escolhas, homens, mulheres, heterossexuais, homossexuais, brancos, negros etc., e levando em consideração o caráter jurídico e socioantropológico da pesquisa, é de suma importância histórica falarmos (entrevistarmos) autores que se debruçaram sobre a ótica da invisibilidade social de grupos vistos como “invisíveis ou minorizados”.

El Estado no implementa, en muchos casos, uno de los principios básicos del Estado Democrático de Derecho, la primacía de la dignidad humana. La Constitución de 1988 se encarga del concepto de dignidad humana que extrapola los conceptos estereotipados de la sociedad, siempre refiriéndose a la libertad que cada ser humano tiene para elegir (trabajo, religión, relaciones), y esta elección debe ser debidamente respaldada y legalmente protegida. Teniendo tales opciones, hombres, mujeres, heterosexuales, homosexuales, blancos, negros, etc., y teniendo en cuenta la naturaleza jurídica y socioantropológica de la investigación, es de suma importancia histórica hablar (entrevistar) a autores que han mirado sobre la perspectiva de la invisibilidad de grupos vistos como "invisibles o minoritarios".

In many cases, the State fails to implement one of the basic principles of the Democratic rule of law, or the principle of human dignity. The 1988 Constitution is concerned with the concept of human dignity that extrapolates the stereotyped concepts of society, always referring to the freedom that every human being has to choose (work, religion, relationships), and this choice must be duly supported and legally protected. Having such choices, men, women, heterosexuals, homosexuals, whites, blacks, etc., and taking into account the legal and socio-anthropological nature of the research, it is of paramount historical importance that we speak (interview) authors who have looked at the perspective of social invisibility of groups seen as "invisible or minorized".

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Grupos invisíveis. Entrevista.

**Palabras llave:** Homossexualidad. Grupos invisibles. Entrevista.

**Keywords:** Homosexuality. Invisible groups. Interview.

Luiz Roberto de Barros Mott é um antropólogo, historiador e pesquisador, e um dos mais conhecidos ativistas brasileiros em favor dos direitos civis LGBT. Luiz Mott é uma das figuras mais conhecidas do movimento LGBT e foi considerado um dos gays mais poderosos do mundo em uma lista feita pela revista americana Wink.

Luiz Mott possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (1968), mestrado em Etnologia pela Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) (1971) e doutorado em Antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (1975). Professor titular aposentado da Universidade Federal da Bahia. Pesquisador sênior do CNPq. Tem experiência na área de Antropologia e História, com ênfase em Antropologia das Populações Afro-Brasileiras e História das Religiões, atuando sobre Inquisição, Homossexualidade, AIDS, Homofobia e

Direitos Humanos. Luiz Mott foi presidente do Grupo Gay da Bahia, entidade que presta serviços e zela pelos direitos de Gays, Lésbicas, Transexuais e Travestis da Bahia. Atualmente tem mais de 100 artigos publicados em revistas científicas brasileiras, mais de 50 artigos em revista internacionais, 24 livros lançados no Brasil e no exterior. Hoje, é um dos maiores nomes sobre os estudos da homocultura no mundo.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, políticas públicas, atualidade.

Luiz Mott tiene una licenciatura en Ciencias Sociales de la Universidad de São Paulo (1968), una maestría en Etnología de la Universidad de París IV (París-Sorbona) (1971) y un doctorado en Antropología de la Universidad Estatal de Campinas (1975). Profesor titular jubilado en la Universidad Federal de Bahía. Investigador principal del CNPq. Tiene experiencia en Antropología e Historia, con énfasis en Antropología de Poblaciones Afrobrasileñas e Historia de Religiones, trabajando en Inquisición, Homossexualidad, SIDA, Homofobia y Derechos Humanos. Luiz Mott fue presidente del Grupo Gay de Bahía, una entidad que brinda servicios y vela por los derechos de los homosexuales, lesbianas, transexuales y travestis en Bahía. Actualmente tiene más de 100 artículos publicados en revistas científicas brasileñas, más de 50 artículos en revistas internacionales, 24 libros lanzados en Brasil y en el extranjero. Hoy, es uno de los nombres más importantes en los estudios de homocultura en el mundo.

**Palabras clave:** Homossexualidad. Políticas públicas. Actualidad.

**Entrevistadores:** *Vamos iniciar nossa entrevista pedindo que o Doutor conte um pouco da sua trajetória profissional-acadêmica. Quando foi despertado o interesse por estudar a Homossexualidade?*

**Luiz Mott:** Luiz Mott, 73 anos, nascido em São Paulo, Capital. Sou graduado em Ciências Sociais – USP, fiz meu mestrado em Antropologia pela Sorbonne-Paris, doutorado pela UNICAMP e hoje sou professor aposentado Titular de Antropologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA. Eu nasci em uma família cristã, católica, estudei em um seminário e nunca vi na minha adolescência nenhum gay e nenhuma travesti, embora eu sentisse um desejo homoerótico eu recusava, pois eu era um católico praticante. Portanto, identificava nesse desejo uma tendência homossexual que eu queria superar e, por conseguinte me tornar um heterossexual. Quando eu fui para França tive várias experiências homoeróticas, mas ao voltar ao Brasil em 1972 resolvi me casar, pois não havia Movimento Gay, não havia nenhum depoimento positivo de um homossexual que me dissesse que eu poderia ser feliz e ser um professor bem realizado sendo homossexual. A partir daí me casei, depois de cinco anos tive duas filhas e constatei que estava no caminho errado. A partir disso me assumi gay e comecei a pesquisar sobre a homossexualidade e, sobretudo sobre essa relação entre História e Antropologia para saber mais sobre a origem da homossexualidade, o histórico da presença dos homossexuais no Brasil e foi então, sobretudo, uma maneira de explicar para os intolerantes e homofóbicos a verdade científica, antropológica e histórica sobre *o amor que não ousava dizer o nome*. Portanto, esse foi o meu primeiro interesse, uma maneira de abalizar a minha opção

por me tornar um gay aberto, fora do armário, um gay militante de modo que era uma maneira de subsidiar e de dar a meu discurso sobre os homossexuais uma base científica.

**Entrevistadores:** *O senhor encontrou resistência do meio acadêmico pelos temas que suas obras abordam?*

**Luiz Mott:** Em 1977 eu me doutorei em Antropologia pela UNICAMP e em 1978 me assumi gay, me divorciei e minha primeira constatação foi à falta de estudos antropológicos e históricos sobre a homossexualidade no Brasil então comecei a pesquisar sobre a homossexualidade no Brasil Colônia, entre os índios, entre os escravos e a partir disso eu percebi que os principais documentos sobre estes temas estavam em Portugal, no Arquivo da Torre do Tombo, os documentos da Inquisição produzidos pelo Tribunal do Santo Ofício. Portanto, eu pedi uma bolsa para o CNPQ para fazer pesquisas em Portugal sobre este tema, mas como a homossexualidade era um tema muito tabu na academia resolvi diluir meu tema de pesquisa para sexualidade em geral e sua repressão pela Inquisição, e de fato havia um grande estranhamento por parte dos meus colegas e por parte das entidades financiadoras sobre pesquisas que abordavam a vida homoerótica dos brasileiros no período colonial, mas exatamente para contornar possíveis repressões homofóbicas eu consegui aprovar nas reuniões da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) algumas moções de apoio às pesquisas sobre a homossexualidade e também aprovei moções e resoluções de apoio aos direitos dos homossexuais na Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e na Associação Brasileira de Estudos Demográficos. De modo que, foi através de associações científicas que consegui garantir a liberdade de pesquisar temas ainda tabus sobre *amor que não ousava dizer o nome* na célebre frase Oscar Wilde.

**Entrevistadores:** *Professor, seu currículo gira em torno de dois eixos: Inquisição e Homossexualidade. Portanto, convergindo esses eixos eu lhe pergunto: Como viviam os homossexuais no período da Inquisição?*

**Luiz Mott:** A homossexualidade é tão antiga quanto à própria humanidade, dizia o escritor alemão Goethe e no Brasil quando os portugueses chegaram aqui já encontraram muitos índios e índias que praticavam o homoerotismo. Existem vários cronistas que descrevem a presença de índios e índias amantes do mesmo sexo, chamados em tupi de tibira e çacoaimbeguira, respectivamente. Alguns sodomitas portugueses foram degredados para o Brasil logo no início da Inquisição, desde 1546 há indícios de que sodomitas foram degredados para Pernambuco e Bahia. Também com o tráfico negreiro vieram negros que tinham experiências homoeróticas nas suas tribos na Angola e no Congo. De forma que, a mistura das três raças com forte presença da homossexualidade fez com que houvesse uma subcultura sodomítica no Brasil desde a sua constituição como Colônia. A homossexualidade conhecida como sodomia era considerado um crime gravíssimo como crime de lesa-majestade (matar o rei ou traição à nação), portanto, os sodomitas eram perseguidos pelo rei, bispo e pela Inquisição, mas foi a Inquisição que

centralizou a perseguição aos sodomitas e as mulheres lésbicas. No Brasil apesar de não ter existido um tribunal do Santo Ofício, existiam vários comissários e familiares da Inquisição que denunciavam e podiam prender os praticantes do nefando pecado da sodomia. A vida dos sodomitas é detalhadamente descrita nos processos da Inquisição e há um artigo de minha autoria que trata do sodomita André Lessa, Pernambuco, por volta de 1591. André era um sapateiro, bigodudo, forte e sem nenhum estereótipo de efeminado. No processo da inquisição contra ele o inquisitor relata que o acusado manteve casos com quase 20 parceiros homoeróticos em um prazo curto de pouco mais de dois anos. Isso mostra que os cripto-sodomistas, ou seja, os sodomitas escondidos existiam na também sociedade colonial brasileira e que apesar de toda repressão e risco de cometer um crime gravíssimo não sacrificavam o desejo pelo amor ao mesmo sexo.

**Entrevistadores:** *Como o senhor analisa o atual cenário político brasileiro e quais as interferências das mudanças políticas nas ações afirmativas para as minorias?*

**Luiz Mott:** O Brasil é um país extremamente contraditório no que toca o amor entre pessoas do mesmo sexo. Nós temos um lado cor de rosa representado pela maior parada LGBTT do mundo, a de São Paulo, possuímos uma Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Transexuais (ABGLT) altamente combativa e muito mais dinâmica do que as dos países vizinhos. Cada vez mais gays, travestis e transexuais aparecem na televisão, no cenário público, sobretudo nas artes, esse é o lado cor de rosa. Entretanto, temos um lado vermelho cor de sangue representado pela violência LGBTfóbica, pois o Brasil é campeão de assassinatos de homossexuais e crimes de ódio, mais da metade dos crimes contra gays e travestis no mundo ocorrem no Brasil uma média de cada 27 horas um LGBTT é assassinado no Brasil pelo ódio e infelizmente, essa barbaridade e genocídio tem aumentado vertiginosamente. Só durante os 5 anos do governo Dilma foram assassinados mais de 1600 homossexuais no Brasil, ou seja, mais de 300 por ano. Ano passado foram 318, mas já neste ano foram mortos mais de 150 LGBTTs cujos documentos estão anexados ao site *quem a homofobia matou hoje*. De modo que, não é fácil ser homossexual no Brasil. Eu costumo falar que precisa ser muito macho para ser bicha no Brasil, pois a homofobia começa em casa quando os pais inclusive o próprio deputado Bolsonaro declarou: “Prefiro um filho morto a homossexual”. Portanto, a homofobia doméstica, na escola, no trabalho ridicularizando o gay e a lésbica são formas encontradas para reprimir os LGBTTs. Igualmente, as travestis e as transexuais encontram extrema dificuldade de arrumarem empregos e encontram na prostituição à única saída pra ganhar o pão de cada dia. De modo que, a violência seja física ou psicológica faz com que LGBTTs passem por discriminações e tenham uma vida extremamente difícil com problemas de adaptação a esse mundo heteronormativo que ainda considera o gay como um marginal e pecador.

**Entrevistadores:** *Como o senhor analisa a ascensão de figuras como Bolsonaro, Feliciano e o poder da bancada evangélica no congresso?*

**Luiz Mott:** Quando eu fundei o Grupo Gay da Bahia (GGB) na década de 80 já existia meia dúzia de grupos gays em São Paulo e no Rio de Janeiro, portanto, não somos os mais antigos do Brasil, mas somos o que estamos há mais tempo em funcionamento. Embora eu não seja o primeiro militante gay a sair do armário, sou o decano do Movimento Gay o mais antigo em militância ininterrupta na história do Brasil. Desde que o GGB começou a funcionar temos documentados os assassinatos e outras manifestações de preconceitos contra gays e lésbicas. Eu sou o autor do único livro sobre o lesbianismo no Brasil. Publicamos mais de uma dezena de livros, cartilhas sobre os assassinatos dos homossexuais, Direitos Humanos, como enfrentar a violência, como se assumir e o resgate histórico dos sodomitas, gays, lésbicas e travestis do Período Colonial à atualidade. Políticos homofóbicos sempre existiram na história do Brasil, quando nós lutamos para que a homossexualidade deixasse de ser doença e conseguimos em 1985 que o Conselho Federal de Medicina excluísse o que era chamado de homossexualismo do rol de classificação de doenças, muitos deputados e senadores se manifestaram contra afirmando que era um absurdo, pois os homossexuais eram doentes e ameaçavam a vida das famílias. Quando propusemos na Constituinte de 1988 que fosse incluída não somente a proibição de discriminação por cor, raça, religião e sexo, mas também por orientação sexual nós fomos derrotados, pois a maioria dos constituintes achará inadmissíveis direitos iguais para os homossexuais. Portanto, o surgimento, sobretudo a partir de 2013, de políticos abertamente homofóbicos como Feliciano, Bolsonaro, Magno Malta, Garotinho, Sargento Isidório, em Salvador, Malafaia, embora não seja parlamentar, mas tem uma grande influência na bancada evangélica e alguns padres católicos como o Cardeal do Rio de Janeiro, já falecido. De modo que, eu entendo a visibilidade e saliência desses políticos que aliás são muito bem eleitos e o próprio Bolsonaro é campeão de votos no seu estado. De maneira que, eu identifico tais lideranças homofóbicas como representantes da sociedade que tem uma ideologia totalmente intolerante, principalmente, os evangélicos de inspiração pentecostal. Entretanto, o Edir Macedo, fez uma declaração extremamente simpática aos LGBTTs onde afirma que Deus nunca condenou os homossexuais. Assim como o Papa Francisco, afirmou que precisamos respeitar e aceitar os homossexuais sem agressão nem exclusão.

**Entrevistadores:** *Professor, em um artigo publicado na Revista Pagu o senhor afirma que os homossexuais formam o grupo mais estigmatizado e odiado da sociedade brasileira. Essa semana o New York Times em um dos seus editoriais afirmou que o Brasil está vivendo uma epidemia anti-LGBTTs. O senhor concorda?*

**Luiz Mott:** O Brasil vive de fato uma grande crise, uma verdadeira epidemia de crimes homofóbicos, e é imprevisível esse tipo de conduta social por que a cada ano varia os índices de homofobia e transfobia às vezes num mesmo estado em um ano matam-se mais gays e no ano seguinte matam-se mais travestis. Por exemplo: o Nordeste durante alguns anos foi o campeão de assassinato proporcionalmente a população total e no último ano foram os estados

da região Norte. De modo que, esse surto atual de vários assassinatos com requinte de crueldade acontece com uma grande frequência como no Rio de Janeiro onde 6 crimes homofóbicos ocorreram em uma semana. Isso reflete um aumento da intolerância raivosa de pessoas que não suportam a visibilidade e a felicidade dos homoeróticos. Não existe uma causa específica, pois é difícil estabelecer e descobrir uma regularidade sociológica ou antropológica que explique essa oscilação de aumento e diminuição de crimes contra LGBTs. Entretanto, o que percebemos é que esses índices de homicídios têm aumentado, pois enquanto no governo de Fernando Henrique Cardoso matavam-se anualmente por volta de 110 homossexuais no Brasil, no governo Lula eram mortos mais de 160 homossexuais por ano e no governo Dilma o número saltou para mais de 300. Portanto, há um crescimento de violência que ultrapassa os índices de crimes letais em geral na sociedade. Não é apenas o retrato de uma sociedade violenta, nem porque os LGBTs estão documentando e denunciando mais os crimes nas delegacias, pois o GGB vem documentando há mais de 30 anos estes crimes. De modo que, essa epidemia, aliás, é o título do meu livro publicado nos Estados Unidos, *Homofobia: A Epidemia de ódio no Brasil* faz com que no Brasil a cada dois meses mate mais LGBTs do que o massacre de Orlando. Apesar de a presidenta Dilma Rousseff ter difundido em sua campanha que iria criminalizar a homofobia, mas na verdade nunca houve um governo tão homofóbico quanto o governo Dilmista, pois ela proibiu o kit anti-homofobia e afirmou que não iria fazer propaganda de opção sexual, usando um termo inadequado, também proibiu um filme de prevenção da AIDS para gays no carnaval e mandou sua ministra Ideli Salvatti mobilizar o senado para que arquivasse o projeto de criminalização da homofobia. As nossas esperanças encontram-se nas matérias como o do New York Times, divulgada há poucos dias, pois podem sensibilizar os governos federais, estaduais e municipais para que sancionem leis que equiparem os crimes de homofobia ao de racismo, pois não queremos privilégios, mas direitos iguais, nem menos nem mais!

### **SOBRE OS AUTORES**

Pedro Demo, é Graduado em Filosofia; Doutor em Sociologia pela Universität Des Saarlandes/Alemanha. Professor titular aposentado da Universidade de Brasília. Professor Emérito. Pós-doutor pela UCLA/Los Angeles. Tem experiência na área de Política Social, com ênfase em Sociologia da Educação e Pobreza Política. Trabalha com Metodologia Científica, no contexto da Teoria Crítica e Pesquisa Qualitativa. Pesquisa principalmente a questão da aprendizagem nas escolas públicas, por conta dos desafios da cidadania popular. Publicou mais de 90 livros.

Endereço eletrônico: lepp@rc.unesp.br

Renan Antônio da Silva é Pós - Doutor em Educação, pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN); Pós - Doutor em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Marília). Doutor em Educação Escolar, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/ Araraquara). Realizou o Estágio Doutoral (Doutorado Sanduíche) com bolsa CAPES/PDSE, junto ao Centro em Investigação Social (CIS) pelo Instituto Universitário de Lisboa - ISCTE - Portugal (2015-2016), sob processo de número 99999.006746/2015-02. Docente Permanente no Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas (PPG-PP) da Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) com bolsa PNPd/CAPES. Líder no Grupo de Pesquisa em Educação, Cultura, Memória e Arte (GPECUMA) - UNESP, UNIS, UMC, PUC/SP e UNESCO. Pesquisador Convidado no Centre for Citizenship, Conflict, Identity and Diversity (University of Huddersfield).

Endereço eletrônico: r.silva@unesp.br

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-1171-217X>

Recebido em: 29/04/2020

Aprovado em: 14/05/2020

Publicado em: 01/07/2020